

PAGANISMO E CRISTIANISMO NA SÉRIE VIKINGS: O SINCRETISMO RELIGIOSO NO MUNDO NÓRDICO

Brian Ferreira Marinho; Emmanoel de Almeida Rufino

(*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – campus João Pessoa,*
brianferreira.marinho@gmail.com)

Introdução:

No período que compreende o século VIII d.C o continente europeu vivenciou um período de grande expansão dos povos nórdicos que viviam na região conhecida como Escandinávia que hoje engloba os países da Noruega, Suécia, Finlândia, Dinamarca e Islândia. Esses povos eram conhecidos pelas suas diversas habilidades no comércio, atividade agrícola, navegação, sua notável força e também o desejo incessável de expandir seus domínios por todo o mundo. Dentro desta sociedade que há muito povoou o norte europeu podemos destacar os Vikings, grupo afamado por seus notórios saques e sua pirataria, que se consolidou como uma nova atividade econômica. Já na esfera religiosa os Vikings portavam uma rica mitologia que compreendia grandes deuses celebrados em eventos grupais. Entre eles podemos destacar Odin, considerado “o deus dos deuses”, Thor o deus dos trovões e Loki, deus do fogo, símbolo este que representa a maldade. Mas a partir das grandes navegações os Vikings passam a entrar em contato com o cristianismo que na época estava disseminando-se por toda a Europa. A partir deste encontro os Vikings paulatinamente converteram-se ao cristianismo e passam por uma desagregação de seus costumes. Por conta das várias disputas contra ingleses e outros nobres da Normandia, a civilização sucumbiu, mas não deixa de se manifestar em parte da cultura europeia. Conhecendo o contexto histórico pretendemos analisar a presença de aspectos da cristianização na série Vikings e na literatura relacionada a obra inglesa Beowulf. Temos como objetivo principal investigar a presença da temática em questão e analisá-la em obras de cunho literário e, especificadamente, distinguir na obra elementos pagãos e cristãos em Beowulf e analisar as 2 primeiras temporadas da série Vikings, acompanhando todo o processo de cristianização.

Metodologia:

O processo metodológico que alicerçou nossa pesquisa advém de estudos bibliográficos sobre a temática estudada, o poema épico anglo-saxão intitulado Beowulf narrativa que leva o nome do personagem principal como título o qual baseia-se em um material folclórico de diversas origens, mas a visão primordial é a de uma sociedade anglo-saxônica cristalizada dos fins do século

VIII. Embora fosse cristão o poeta não havia esquecido ainda as lendas e os mitos do passado; seu mundo é o da vida palaciana, das cortes, dos grandes cavaleiros e guerreiros com suas leis e códigos rígidos de lealdade irrestrita à figura semidivina do rei que protegia seus cavaleiros, os quais, em troca, lutavam e morriam por seu suserano. Utilizamos também artigos sobre a temática como ferramenta para a construção da pesquisa. Já na análise cinematográfica, usamos a série Vikings, esta de origem irlando-canadense escrito por Michael Hirst para o canal de televisão History. A série teve como inspiração as narrativas acerca das incursões saqueatórias, comerciais e exploratórias dos nórdicos da Escandinávia da Alta Idade Média.

Resultados e discussão:

No poema que estudamos para construir este trabalho, encontramos evidências claras do sincretismo religioso no mundo nórdico. Logo nas primeiras páginas, percebemos elementos que embasam esta ideia. O autor apresenta Beowulf como alguém enviado por Deus para servir a um rei e solucionar problemas advindos do maligno “A ele mais tarde enviou Deus um filho – dádiva divina para deleite de seu povo – um jovem que nas cortes recordava a tristeza que o povo em líder sofreu por muito tempo nos dias de outrora” (GALVÃO, 1992, p.31).

Considerado um presente vindo do Senhor, o bravo guerreiro Beowulf vivia de maneira honrosa no meio do seu povo, até que a paz do reino da Dinamarca foi ameaçada por Grendel, um demônio tido como o desespero de todo rei. Observamos na obra de onde veio essa criatura maléfica

Desde priscas eras lá medrava maléfica e infeliz criatura, no antro de demônios peçonhentos, choldra amaldiçoada pelo Senhor – todos banidos, descendentes de Caim que assassinou seu irmão. Vingado foi Abel pela Lei de Deus que expulsou o assassino pelo pecado perpetrado contra a raça humana – o Senhor dos Céus. (GALVÃO, 1992, p.35).

Além de ser considerado um descendente de Caim, personagem este que encontramos na Bíblia, livro sagrado para os cristãos, Grendel é apresentado como o inimigo primordial de Deus, mas que no fim recebeu seu terrível castigo: “Foi ele o germe cautério de todos os monstros, gigantes, duendes e gnomos – horda ignota que desde os primórdios luta contra o Senhor Eterno. Mas Ele lhes deu o castigo merecido! ” (GALVÃO, 1992, p.35).

Ao longo de toda narrativa, examinamos o apago que Beowulf demonstra para com Deus. Preparando-se para descansar, o herói retira sua cota de malha e entrega ao escudeiro suas armas e afirma que se tiver que enfrentar o demônio maléfico, fará isso com as mãos, já que Grendel não possui conhecimento de armas: “Não, à noite não usarei arma alguma, se desarmado ousa enfrentar-me em combate. O Senhor em Sua sabedoria há de honrar – o Todo-Poderoso – aquele que mais apto lhe parecer”. (GALVÃO, 1992, p.57). Parece que Deus estava com Beowulf e com todos os seus guerreiros pois o mesmo enfrenta o terrível demônio e consegue a vitória e liberta o povo dinamarquês do medo. “(...) Deus decidira dar ao povo dos geats êxito e vitória, proteção, contra o inimigo que todos venceriam pela força de um homem desarmado. Assim tem o Senhor traçado a vida da raça dos homens desde os primórdios.” (GALVÃO, 1992, p.57,58)

Nas primeiras duas temporadas da série Vikings, que escolhemos como um dos pilares desta pesquisa, encontramos da mesma forma, resquícios do processo de cristianização, só que desta vez, em um contexto diferente do que vimos anteriormente em Beowulf. Ao longo da primeira temporada, especificadamente nos episódios um e dois, conhecemos a história de Ragnar Lothbrok, guerreiro Viking que afirma ser descendente de Odin e que acredita que as riquezas que seu povo tanto almeja, estão para além do mar Báltico e as visões que ele possui, dão certeza que sua intuição é verdadeira. Assim como os outros combatentes nórdicos, ele busca tesouros e a expansão dos domínios de seu povo. É nítido a insaciável vontade que Ragnar possui de navegar pelas terras longínquas, realizando saques, assassinando pessoas que ousarem atravessar o seu caminho e capturando outras para servirem como escravos. Mas suas ambições logo são conhecidas pelo chefe de seu povo que o adverte a não desobedecer suas ordens e que se assim fizer sofrerá consequências.

Mesmo ameaçado o jovem Ragnar segue com seus planos de invasão para o oeste enfrentando uma forte tempestade, que os personagens acreditam ter sido enviada pelo deus Thor como forma de comemoração pelo progresso que eles estão fazendo. Enquanto os vikings se alegram, os monges que vivem no Mosteiro Lindisfarne no Reino da Nortúmbria na Inglaterra, estão apavorados pela terrível tempestade que os assola e os fazem rezar ao seu Deus, acreditando que o fim dos tempos se aproxima. Os guerreiros nórdicos chegam até as terras onde se encontra o mosteiro e o invadem, matando os monges, roubando seus objetos sacros e destruindo suas casas, mas alguns monges são poupados pelos vikings, entre eles Athelstan que surpreende Ragnar por saber falar a língua do seu povo. Quando questionado, o monge responde que já viajou como missionário para levar a mensagem de seu Deus. Ele segura um livro e isto desperta a curiosidade

de Ragnar em saber o motivo pelo qual dentre tantos tesouros que ali existia o que ele mais queria guardar era este livro, que se tratava do Evangelho segundo o apóstolo João. Segundo o monge: "Sem a Palavra de Deus, há apenas trevas". Isso traz um certo impacto para Ragnar, que acaba interessando-se por isso.

Daí pôr diante, observamos a volta do grupo viking para suas terras portando riquezas que gera no chefe local grande ira. Um desafio pela liderança do reino é traçado e Ragnar torna-se o novo líder após matar o anterior. Athelstan que seria levado para ser vendido como escravo, torna-se servo da casa de Ragnar e aprende sobre o Ragnarok, o fim dos tempos para os nórdicos. A partir do que aprende, o monge também acaba ensinando sobre os costumes cristão para Ragnar e sua família e os mesmos se sentem questionado sobre o que devem acreditar. Já na segunda temporada, o monge acaba tornando-se amigo de Ragnar que se sente cada vez mais curioso sobre o Deus cristão e suas bem feitas e isso acaba influenciando em muitas de suas decisões como líder. Em seus pensamentos, existe uma batalha entre o que ele sempre acreditou e aquilo que está sendo apresentado pelo monge que assume um papel de evangelista. Mas Ragnar não é o único que se sente questionado pela veracidade de suas crenças, o processo inverso parece acontecer com Athelstan, que, assim como Ragnar, questiona-se sobre sua fé em um único Deus. Nas temporadas seguintes, os produtores continuam dando certa ênfase a este assunto.

Conclusão:

Mesmo vivendo em um contexto onde há um panteão de deuses que governam o universo, a obra literária que escolhemos para análise, encaixa-se como uma importante fonte histórica sobre o processo de cristianização vivenciado a alguns séculos. O mesmo acontece na série Vikings, onde este mesmo processo é apresentado de uma forma mais fragmentada. Os pilares que moveram nossa pesquisa, nos mostram maneiras diferentes de como um único evento aconteceu e a partir de obras de cunho artísticos, conseguimos enxergar fontes que nos ajudam a entender a disputa ocorrida entre o paganismo e o cristianismo presente no mundo escandinavo.

Referencias:

GALVÃO, Ary Gonzalez. **Beowulf**. Hucitec: São Paulo. 1992.

Vikings. Michael Hirst: MGM Television, 2013